



The background features a collage of torn newspaper clippings. Visible headlines include "JUPA", "MA", "O E", "MA", "MA", "QUE SE", "PIO NO", "TAMBORE DE", "Rio: 2", "nos libe", "FERENC", "TRO SA", "REFORMA", "ANGO É", "POUPA", "R. 27-3-6", "LIÃO", and "EM N". A portrait of a man is also visible among the clippings.

CARTILHA DAS LIGAS CAMPONESAS

Ferreira, Mayara Vanessa da Silva.

Cartilha das Ligas Camponesas / Mayara Vanessa da Silva Ferreira. – São Luís, 2025.

21 f.; il.

Produto Educacional da Dissertação: “Liberdade quer dizer terra: a questão agrário-camponesa nas décadas de 1950 e 60 a partir do jornal Liga e o ensino de história”.

Orientação da Profa. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira.

1. Ensino de História. 2. Ligas Camponesas. 3. Questão Agrário-camponesa. 4. Revolução Brasileira. 5. Cartilha. I.Título.

CDU 332.2.021.8(075.2)

Elaborada por Lauísa Sousa Barros - CRB 13/657

SUMÁRIO

Apresentação 03

As Ligas Camponesas (1955-1964) 05

A desapropriação do Engenho Galiléia 10

A expansão das Ligas 11

**O Golpe Militar e o fim das
Ligas Camponesas** 12

Principais lideranças 15

Seção cultural 16

**Pequeno Glossário da questão agrária
no Brasil** 19

Referências bibliográficas 21

O Camponês

No movimento de luta por terra, os camponeses brasileiros têm se organizado em sindicatos, associações e cooperativas. A luta pela reforma agrária é uma das principais demandas da população rural. O governo federal tem promovido várias iniciativas para melhorar a vida dos camponeses, incluindo a distribuição de terra e o acesso a crédito e serviços básicos. A participação dos camponeses na tomada de decisões é fundamental para o sucesso dessas iniciativas.



VIVA A REVOLUÇÃO CUBANA

LUTAMOS pela Auto-determinação dos POVOS



Subd coope
O II Seminário Inter-nacional de Cooperativas, realizado em Praga, nos
de AGRICULTURA
DE HOMES CAMPONESES
MINISTRO DA EXPLORAÇÃO

APreSenTaçãO

Caro (a) estudante, mas não só...

Esta cartilha, a princípio, foi pensada para ser utilizada em sala de aula pelos estudantes do 9º do Ensino Fundamental, porém, durante a produção do material, percebemos que a cartilha poderia ampliar seu público para ser lida por pessoas de movimentos sociais, principalmente de movimentos sociais do campo.

Onosso objetivo ao desenvolver a cartilha éo de fazer presente as lutas camponesas nas aulas de História como forma de dar a devida evidência e importância à história da luta pela terra em nosso país. Muitos já ouviram falar sobre a Ditadura Militar (1964-1985), mas por que ela aconteceu? O que o Brasil estava vivendo antes de os militares tomarem o poder? Será que o nosso país seria muito diferente se a Ditadura não tivesse ocorrido?

Adiantouuma coisa: O Brasil estava vivenciando a maior experiência de luta de homens e mulheres do campo por um país que fosse verdadeiramente democrático e justo. Nas próximas páginas, você conhecerá parte da história das Ligas Camponesas.

Os livros didáticos de História, por diversas vezes, apresentam a história dos grandes homens de Estado: D. Pedro II, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e por aí vai, como se a história do Brasil fosse a história de governos e impérios. Apresentamos a você uma parte da história do povo brasileiro, uma história de luta, resistência, justiça, morte, sonhos, perdas e vitórias.

Esperamos que cada um, ao fim da leitura, carregue consigo os valores democráticos, a bravura e os sonhos de homens e mulheres que ousaram lutar para que o Brasil fosse diferente. A história de grandes homens e mulheres que os livros de História não contam.

Boa leitura!

neses escrevem a Julião

POSSO: NORDESTINOS

OS COMO ESCRAVOS

setembro de trabalhar na lavoura. Chegam nos pau-de-araras com a família e filhos.

A Campanha

Terrorismo foi a arma eleitoral do latifúndio

O assassinato do líder e logo após a eleição

ALMANAQ DO CAMPON

1 - segunda	20 - sábado	21 - DOMINGO
2 - terça	21 - sábado	22 - segunda
3 - quarta	22 - segunda	23 - terça
4 - quinta	23 - terça	24 - quarta
5 - sexta	24 - quarta	25 - quinta
6 - sábado	25 - quinta	26 - sábado
7 - domingo	26 - sábado	27 - domingo
8 - segunda	27 - domingo	28 - segunda
9 - terça	28 - segunda	29 - terça
10 - quarta	29 - terça	30 - quarta
11 - quinta	30 - quarta	31 - quinta



ANO 1

LIGA

11/21/1962

OUTROS ESTADOS - CUS 20

Divisão FRANCISCO JULIANO

Paz à Vista

Teto do Mundo

Teia

este

Sociedade Agrícola e Pe-
cuária dos plantadores
de Pernambuco
(Ligas Camponesas)
Fundada em 1/1/1966
Município de **Itambé**

19

AS LIGAS CAMPONESAS (1955-1964)

Quando se fala em luta pela terra no Brasil, pode-se achar que questão agrária, reforma agrária e luta pela terra trata-se da mesma coisa: formas diferentes de se referir ao mesmo assunto. Porém, não é bem assim: a questão agrária, em termos gerais, refere-se à longa história da luta social no campo, da degradação socioambiental, grilagem de terras e desenvolvimento da agropecuária; a luta pela terra nasceu com o latifúndio desde o período da colonização (1500-1822), com ou sem projeto de reforma agrária.

A reforma agrária, por outro lado, designa um processo mais recente, de meados da década de 1950, resultado da confluência entre movimentos populares no campo e as ações e discursos de Estado. Dentro do campo da questão agrária, portanto, aborda-se a luta pela terra e os projetos de reforma agrária.

A luta popular pela reforma agrária ganha uma dimensão mais significativa com o surgimento das Ligas Camponesas que, ao mesmo tempo, também representou um marco importante na história da luta pela terra no Brasil. Mas antes de entrarmos definitivamente no assunto sobre as Ligas, vale apresentar duas grandes revoltas armadas camponesas: a Guerrilha de Porecatu no Paraná e a Revolta de Trombas e Formoso em Goiás.

Essas duas importantes revoltas camponesas aconteceram antes do surgimento das Ligas. A guerrilha camponesa de Porecatu teve início em 1948 e foi desarticulada em 1951, os dois atores do conflito foram os posseiros e os grileiros. Os posseiros chegaram primeiro para ocupar uma porção de terra no norte do Paraná e, em seguida, os grandes fazendeiros grileiros chegaram para tomar aquelas terras. A resistência camponesa foi desarticulada após a delação e prisão de seus principais líderes.

Ainda na década de 1950, o Brasil verá outra luta importante de posseiros contra grileiros, dessa vez no Norte do Estado de Goiás, a resistência armada travada pelos posseiros ficou conhecida como Revolta de Trombas e Formoso. Os fazendeiros queriam cobrar o arrendamento pelas terras ocupadas, porém, os posseiros se negavam a pagar, pois sabiam que as terras eram devolutas. Uma liminar de reintegração de posse a favor dos grileiros foi o estopim da revolta.

Os camponeses de Trombas e Formoso conseguiram construir uma estrutura administrativa que cumpria a função de governo dentro daquelas terras em oposição ao Estado brasileiro, a revolta conquistou muitas vitórias, resultado da experiência de anos de confrontos armado contra grileiros, jagunços e policiais até conseguirem o título de suas posses em 1961.

As Ligas Camponesas se diferenciam das duas revoltas mencionadas por sua duração, capacidade de organização em diversos estados do Brasil e por sua maior projeção na imprensa nacional e internacional. As Ligas se originaram no Engenho Galiléia – nome do engenho de fogo morto - no município de Vitória do Santo Antão, em Pernambuco, onde 140 famílias viviam do cultivo de agricultura de subsistência.

Por meio da Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco (SAPPP), os camponeses do Engenho Galiléia se organizaram contra o aumento do foro - aluguel pago pelos camponeses ao dono do engenho pelo uso da terra - e outras demandas de caráter assistencialista, tais como garantir o acesso à saúde e educação, bem como resolver o problema de como enterrar seus mortos. A situação no campo era tão desigual a ponto de se exigir direitos básicos que eram sistematicamente negados.



Sede da Liga Camponesa do Engenho da Galileia (1961)

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

A SAPPP abandona seu caráter assistencialista para assumir um tom mais político de enfrentamento quando o proprietário do engenho, Oscar Beltrão, que havia sido convidado para ser presidente de honra da associação, recusa. Tal atitude levou os camponeses à Recife, capital de Pernambuco, para buscar apoio.

Era um final de semana de sol de 1955 quando um grupo de quatro pessoas saiu do município de Vitória de Santo Antão, na região da mata pernambucana, e foi para a capital, Recife, à procura de Francisco Julião, advogado e recém eleito deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). O líder do grupo apresentou-se como José Ayres dos Prazeres e trazia consigo os papéis que registravam a criação de uma Sociedade Agrícola localizada no Engenho Galileia. O motivo da visita a Julião era consultar o advogado sobre a possibilidade de integrá-lo à Sociedade para que, por meio dele, fossem resolvidos os conflitos sem que as famílias da localidade vinhossem travando com Oscar Beltrão.

O advogado Francisco Julião assumiu a causa e em pouco tempo se tornaria uma das principais lideranças das Ligas Camponesas. A partir desse episódio, as Ligas aglutinaram em suas demandas a extinção do cambão, do barracão e a luta por reforma agrária.

BARRACÃO

Relação servil, popularmente conhecida como “regime de barracão”, quando o camponês é obrigado a comprar com o proprietário de terra seus bens de consumo e ferramentas de trabalho a preços inflacionados. Assim, o trabalhador fica endividado com o latifúndio, que o obriga a trabalhar.

É da SAPPP que nasce o primeiro núcleo das Ligas Camponesas em 1º de janeiro de 1955 que, rapidamente, se espalha por todo o Nordeste. A origem do nome 'Ligas Camponesas' tem relação com as ligas camponesas que foram organizadas pelo Partido Comunista Brasileiro (P.C.B) na década de 1940.

A grande imprensa passa a denominar a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco de "Ligas Camponesas" na tentativa de colocar a opinião pública contra a SAPPP ao relacioná-la com os comunistas, em uma clara tentativa de criminalizar a associação. Os camponeses e suas lideranças políticas, então, se apropriam do termo.

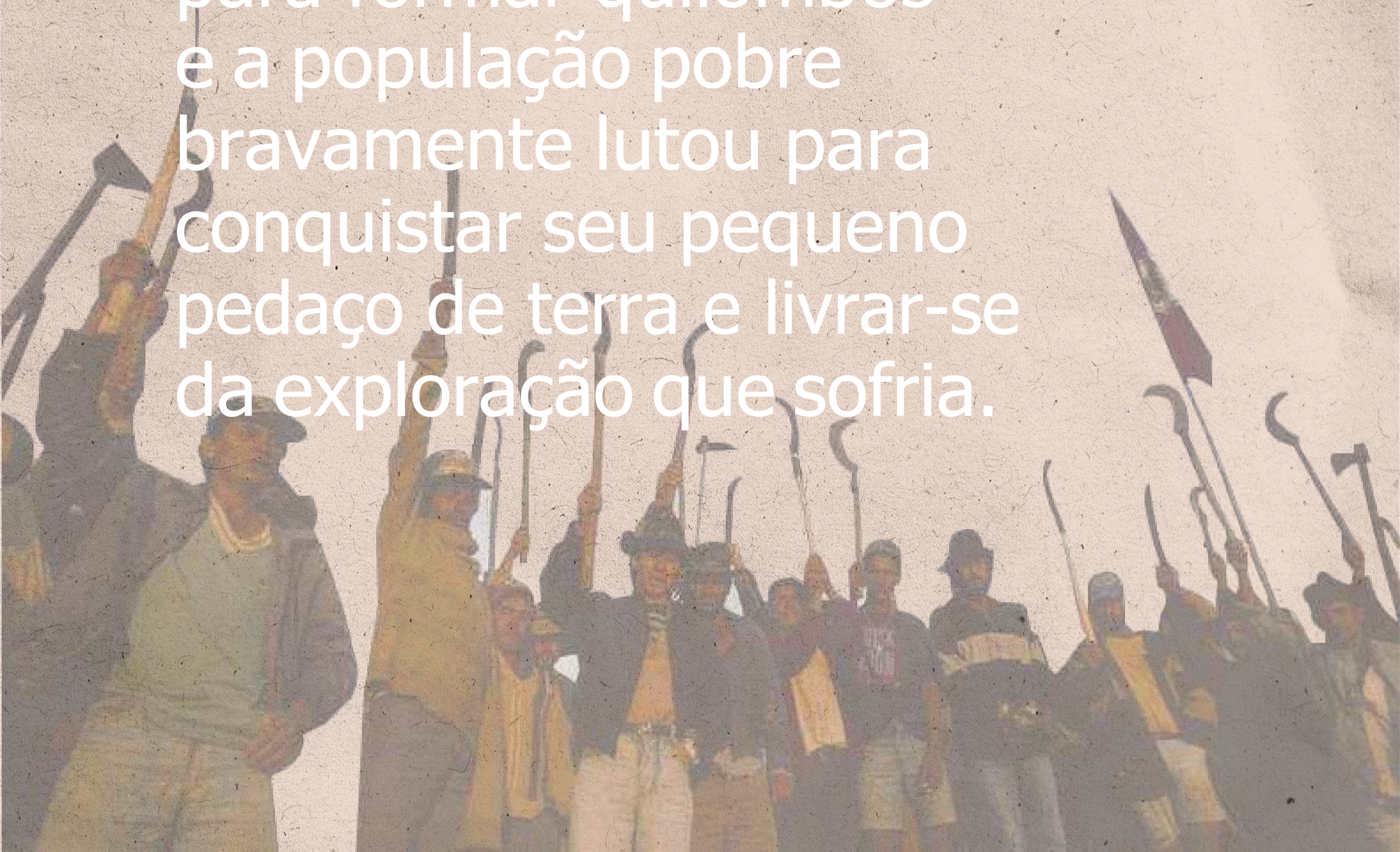
O QUE É COMUNISMO?

O comunismo não é a abolição da propriedade em geral, mas sim a abolição da propriedade privada capitalista, refere-se a propriedade burguesa. A moderna propriedade privada burguesa é a expressão final e mais completa do modo de produção baseado no antagonismo de classes, na exploração de uma classe pela outra.

Segue um trecho retirado da obra Manifesto do Partido Comunista, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels em 1848:

"Horrorizai-vos por querermos suprimir a propriedade privada. Mas na sociedade existente, a vossa, a propriedade privada já está suprimida para nove décimos da população; ela existe para poucos precisamente pelo fato de não existir nas mãos daqueles nove décimos. Censurais-nos por querermos suprimir uma forma de propriedade cuja condição necessária de existência é justamente a inexistência de qualquer propriedade para a imensa maioria da sociedade [...] O comunismo não tira a ninguém o poder de se apropriar de produtos da sociedade; tudo o que ele faz é retirar de alguém o poder de subjugar o trabalho alheio por meio dessas apropriações."

Desde que existiu latifúndio, houve luta pela terra, os negros recusavam-se a ser tornar escravos e se embrenhavam nas matas para formar quilombos e a população pobre bravamente lutou para conquistar seu pequeno pedaço de terra e livrar-se da exploração que sofria.



A DeSAPrOPriAÇÃO DO EnGenhO GALiLeia

Em setembro de 1955, a Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco (SAPPP) promoveu o I Congresso Camponês de Pernambuco. O congresso teve muita mobilização e simbolizou a passagem da SAPPP de uma organização de um município para se tornar um movimento estadual. O evento, portanto, influenciou o surgimento de outras Ligas em outros municípios pernambucanos.

Em 1957, Francisco Julião encaminha um projeto de lei para a Assembleia Legislativa de Pernambuco que visava a desapropriação do Engenho Galileia em favor dos camponeses. O projeto não foi para a frente naquele momento, porém, o fato não desanimou os camponeses organizados pelas Ligas Camponesas.

Em continuidade à luta pela desapropriação do engenho foi realizado, no Recife, em 1958, o Primeiro Congresso de Lavradores, Trabalhadores Agrícolas e Pescadores, onde estiveram presentes cerca de 3.000 pessoas. O protesto teve como destino final a Assembleia Legislativa de Pernambuco, local em que foi aberta uma sessão em que a reforma agrária era pauta central.

O ano de 1958 foi marcado por inúmeros atos públicos no Recife, o que demonstrava a organizada mobilização dos camponeses em torno de suas reivindicações. A cada dia que passava a luta pelo direito ao acesso a terra se acentuava e consolidava a imagem das Ligas Camponesas no cenário urbano da capital pernambucana.

Nesse ínterim, o governo federal de Juscelino Kubitschek designou ao jornalista Antônio Callado a tarefa de fazer uma série de reportagens sobre problemas sociais e econômicos que afetavam a região Nordeste. Nessa oportunidade, Callado conheceu de perto as Ligas Camponesas e toda a situação em Pernambuco.

As reportagens do jornalista Antonio Callado no jornal Correio da Manhã e acabou ganhando bastante amplitude em todo o Brasil, principalmente no sudeste. O trabalho jornalístico realizado por Antônio Callado no Engenho Galiléia influenciou a expansão da imagem das Ligas, o que ajudava na campanha política pela desapropriação da Galileia.

No dia 7 de dezembro de 1959 os camponeses conquistaram a desapropriação do engenho em favor dos moradores da Galileia, mas ainda havia um certo receio de que o governador de Pernambuco pudesse vetar a decisão da câmara dos deputados. Já chegava o ano de 1960, durante todo mês de janeiro não houve nenhuma decisão oficial por parte do governador Cid Sampaio sobre o caso.

Diante dessa situação, os camponeses também fizeram pressão e organizaram passeatas nas ruas do Recife até que no dia 15 de fevereiro de 1960 os moradores do Engenho Galiléia amanheceram em clima de festividade, pois finalmente havia acontecido a sanção do executivo estadual que garantia a desapropriação do Engenho Galiléia.



Capa do jornal Terra Livre
Jornal de propaganda do PCB sobre
as questões do campo, em março de 1960.
Fonte: Memorial da Democracia



**Camponeses reunidos
no Engenho Galiléia.**
Fonte: Correio da Manhã,
18 de fevereiro de 1960.

EXPANSÃO DAS LiGAS

Em 1959, a luta dos camponeses resultou na desapropriação do Engenho Galiléia, que passou a pertencer aos camponeses e às camponesas, consolidando, assim, a primeira vitória das Ligas Camponesas. A desapropriação do engenho servirá de exemplo e inspiração para os camponeses de todo o país. Em 1963, havia um total de 218 ligas espalhadas pelo Brasil.

Mais uma vez Antônio Callado e o jornal Correio da Manhã deram destaque para o movimento ao abordar a vitória dos camponeses no caso do Engenho Galiléia, dividindo opiniões entre os leitores, porém, o fato indiscutível é que isso contribuía para a expansão territorial das Ligas.

Houve até a formação de uma liga indígena. A etnia Xukuru, que vive em sua maioria no município Pesqueira, em Pernambuco, fundou uma liga chamada Liga Camponesa de Pesqueira, esse povo vivia em condições de servidão trabalhando em uma indústria chamada Fábrica do Peixe. O povo Xukuru ocupou as terras públicas da localidade Pedra D'Água como forma de resistência à vida de servidão que levavam. A permanência no Pedra D'Água durou até o golpe militar de 1964.

O GOLPE MILITAR De 1964 e O fim DAS LiGAS CAMPONEsas

Com a expansão das Ligas, a repressão e a violência no campo também aumentaram. Os proprietários de engenho sempre puderam contar com o apoio das polícias estaduais para reprimir os camponeses e barrar suas reivindicações por justiça. Desde a posse de João Goulart as forças políticas de direita conspiravam para articular um golpe militar de modo a barrar as mobilizações populares pelas Reformas de Base, entre elas a reforma agrária.

GLOSSÁRIO

REFORMA DE BASE

Tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo o desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social. Entre as principais reformas constavam a bancária, a fiscal, a administrativa, a urbana, a agrária e a universitária, além da extensão do voto aos analfabetos.

Sabe-se que o governador de São Paulo à época, Adhemar de Barros, teria adquirido e distribuído para latifundiários em diversas regiões do Brasil um montante de 20 mil armas, cujo objetivo seria o de reprimir qualquer tentativa de mobilização camponesa. Ele fazia parte da coalizão radical de direita que, junto a empresários e com o apoio dos Estados Unidos, buscavam criar condições para o golpe.

OS CAMPONESES UNIDOS AOS
OPERARIOS SAUDAM O 1º de MAIO

NÃO HA TERRA PARA O CAMPONÊS.
SÓ HA FOME. MISERIA E INJUSTIÇA.

Em cada pedaço de terra conquistado, hoje, por camponeses em luta no Brasil é a bandeira das Ligas Camponesas que se ergue.



Em 31 de março 1964, com o Golpe Militar, as Ligas Camponesas foram perseguidas e tiveram suas sedes invadidas e fechadas. A Ditadura Militar impediu o desenvolvimento de uma das maiores experiências de mobilização popular de nosso país: de sujeitos invisíveis, os camponeses tinham se tornado importantes atores no cenário político do Brasil.

As Ligas Camponesas não existem mais, apesar disso, a luta pela terra no Brasil continua viva. Mesmo com as perseguições, violência e assassinatos de camponeses nas mãos dos torturadores militares, não faltou iniciativa para organizar novamente os camponeses. Em cada pedaço de terra conquistado, hoje, por camponeses em luta no Brasil é a bandeira das Ligas Camponesas que se ergue.



Imagens do Engenho Galileia

Fonte: Documentário *Cabra Marcado para Morrer* (1984),
Eduardo Coutinho

PRINCIPAIS LIDERANÇAS



JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba, uma das maiores que existiu. João Pedro Teixeira foi assassinado em 2 de abril de 1962 por três homens armados com fuzil. O líder camponês se tornou símbolo da luta pela terra no país.



JOSé AyreS DOS PrAzereS

Liderança comunista que exerceu muita influência na formação da Liga Camponesa do Engenho Galileia. Este, em 1947, tinha se desligado do PCB, porém ainda estava à frente da Liga de Iputinga, próxima ao Engenho Galileia. Chegou a ser presidente da Liga em Pernambuco.



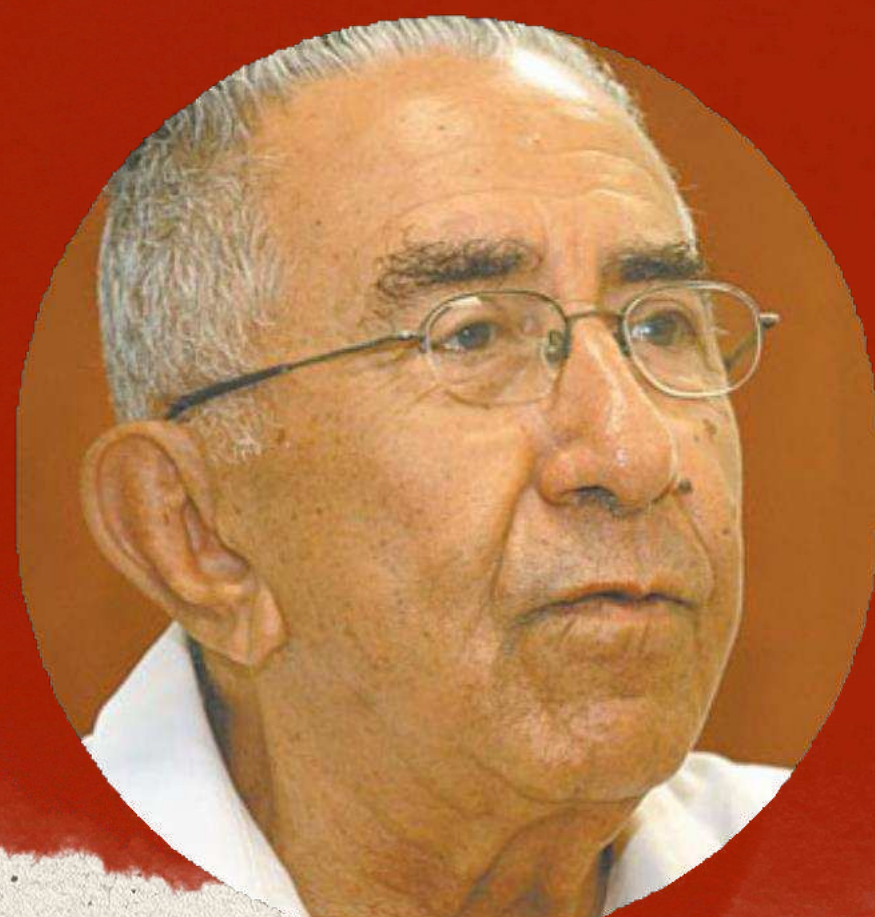
ELIZABETH TEIXEIRA

Viúva de João Pedro Teixeira, Elizabeth decidiu dar continuidade à luta de seu marido e tornou-se, também, uma destacada liderança camponesa. Já no início da ditadura militar, em 1964, Elizabeth viu a pior face da repressão à luta dos camponeses. Teve sua casa incendiada e passou oito meses presa em um quartel do exército. Ao sair da prisão, o terror continuou, e assim foi orientada a se esconder e trocar de nome. Tornou-se Marta da Costa e passou a viver no interior do Rio Grande do Norte. Saiu do anonimato com o lançamento do documentário *Cabra Marcado para Morrer* na década de 1980.



FrAnCiSCO JULiÃO

Advogado e militante, assumiu a defesa jurídica da SAPPP. Eleito deputado pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro) em 1954, foi ele quem apresentou o projeto de lei para a desapropriação do Engenho Galileia.



CLODOMir MORAiS

Militante comunista, último dirigente nacional das Ligas Camponesas. Atuou principalmente no trabalho militar e clandestino das Ligas Camponesas. Após o golpe militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados. Em seu exílio, foi contratado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como consultor para assuntos de Reforma Agrária na América Latina, Caribe e África.



ALÍPiO De FreiTAS

Nasceu em Portugal, em 1929, e ordenou-se padre da Igreja Católica em 1952. Em 1957, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Luís, onde foi professor universitário e atuou junto aos movimentos sociais e políticos. Teve papel destacado na direção das Ligas Camponesas na década de 1960, desempenhando a tarefa de instrutor político, ocupando a secretaria-geral de sua organização. Também foi responsável pelo jornal Liga, porta-voz do movimento camponês, que circulou de 1962 a 1964.

SEÇÃO CULTURAL

Os anos finais da década de 1950 e o começo dos anos 1960 foram marcados por uma grande efervescência política, cultural e artística. O Brasil pulsava em lutas sociais, havia não só uma grande mobilização e articulação do campesinato brasileiro, mas, também, organizações operárias expressivas, tais como a CGT - Comando Geral dos Trabalhadores (1962-1964), bem como um atuante movimento estudantil. A União Nacional dos Estudantes (UNE), à época, criou o Centro Popular de Cultura, que funcionou de 1961 a 1964.

No CPC, estudantes viajavam o país inteiro para possibilitar o acesso à cultura ao povo brasileiro. De fato, o CPC foi um dos maiores movimentos culturais que o Brasil já experienciou. Reuniu artistas de diferentes áreas: cinema, teatro, música, literatura e artes plásticas.

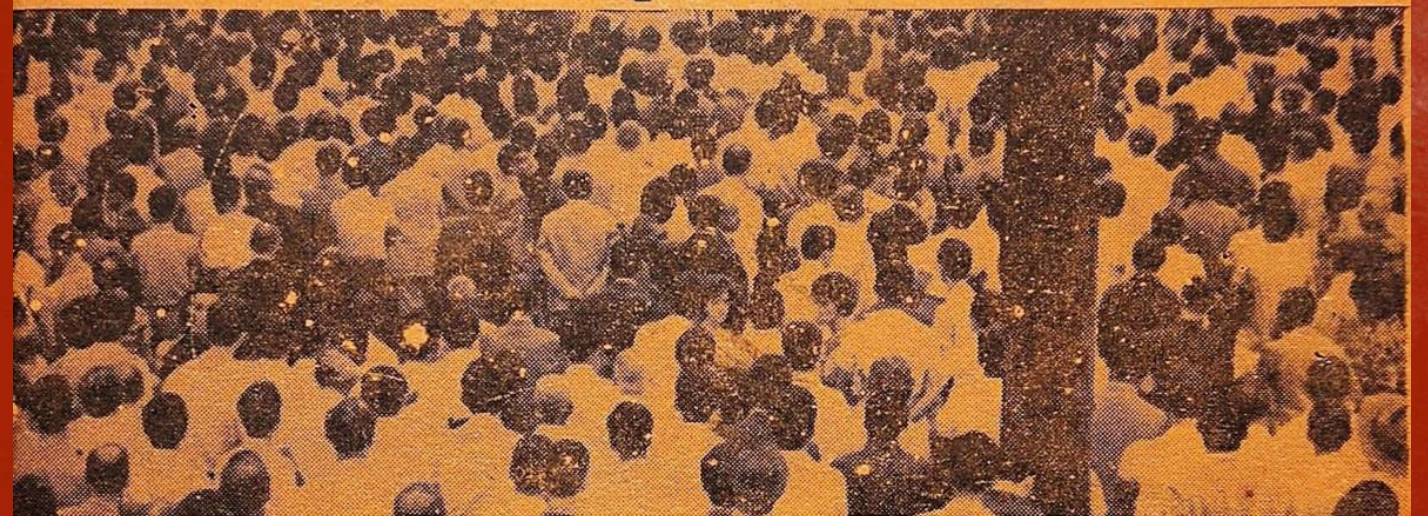
A seguir, apresentamos a Canção do Subdesenvolvido, feita pelo Conjunto do CPC, no ano de 1962:

[...]

Debaixo de um céu de anil,
Encontrareis um gigante deitado:
Santa Cruz, hoje o Brasil!

Mas um dia o gigante despertou,
Deixou de ser gigante adormecido
E dele um anão se levantou:
Era um país subdesenvolvido!
Subdesenvolvido!
Subdesenvolvido!
[...]

centro popular de cultura
o povo canta



o povo canta
o povo canta
o povo canta

Link para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=JKdCBrD7jIE&rco=1>



SUGeSTÃO De fiLMe

Cabra Marcado para Morrer (1984), dirigido por Eduardo Coutinho, o filme trata da vida de João Pedro Teixeira e começou a ser produzido em 1964, com a ajuda do CPC da UNE, porém, a produção do filme foi interrompida com o golpe militar. Outros participantes do filme interrompido, que também atuaram nas Ligas Camponesas.

Na poesia, Vinicius de Moraes escreve "Os homens da Terra", também em 1962. No início do poema, o escritor faz a seguinte dedicação: "Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertaram e cuja luta ora inicia."



Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha
Porque desfrutais da terra
E a terra é de quem trabalha
Bem como os frutos que encerra
Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha.
Chegado é o tempo de guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada

(Trecho do poema "Homens da terra", de Vinicius de Moraes, em Poemas para a Liberdade, 1962)

PeqUenO GLOSSÁRIO DA QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL

ARRENDAMENTO: Contrato pelo qual se cede temporariamente o uso e a ocupação de um terreno mediante o pagamento de uma renda ou aluguel. A pessoa para a qual se concede o uso da terra assim explicado chama-se arrendatário.

FUNDIÁRIO: Relativo a terras, agrário.

GRILAGEM: O termo surge a partir de uma prática muito antiga de colocar um papel (contendo um tipo de "comprovação" de propriedade de terra) dentro de uma gaveta junto com alguns grilos. O papel, após algumas semanas, passa a ter uma aparência envelhecida em razão dos dejetos daqueles insetos. Com esse papel envelhecido pela ação dos grilos, a pessoa visa comprovar a antiguidade de sua ocupação. Grilagem, portanto, refere-se a grupos ou indivíduos que querem se apossar de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.

LATIFÚNDIO: Vasto domínio rural nas mãos de um proprietário, normalmente associado à monocultura, na qual se pratica um tipo de agricultura ou criação. A concentração de terras que o latifúndio representa, historicamente, constituiu e constitui um entrave à proliferação da pequena propriedade.

POSSE: Condição necessária para adquirir a propriedade. Posseiro é aquele que se encontra na posse da terra, sem ter um título legal de propriedade. Importante dizer que, ainda que a posse se caracterize pela ausência de um documento legal de propriedade, a posse é uma forma legal de apropriação da terra, ou seja, tem valor jurídico.

PROPRIEDADE: A propriedade só existe quando tem dono confirmado no cartório, no ofício legal. Além disso, o conceito moderno de propriedade guarda uma qualidade política que compete ao Estado defini-la. Na questão de propriedade de terras, o Estado preserva em lei a possibilidade de confiscar ou comprar qualquer pedaço de terra a seu critério para fins sociais.

QUILOMBO: Em várias sociedades escravistas nas Américas do período colonial surgiram inúmeras formas de resistência e protesto, destacando-se a formação de comunidades de fugitivos. Tais comunidades chegaram a reunir milhares de habitantes, eram conhecidos como quilombos e/ou mocambos. A palavra 'quilombo/mocambo', para a maioria das línguas banto da África Central e Centro-Occidental, significa acampamento. As primeiras informações sobre os quilombos na documentação colonial data de 1575. O maior quilombo, nesse período, foi o Quilombo de Palmares, localizado na Serra da Barriga, então capitania de Pernambuco.

QUESTÃO AGRÁRIA: Refere-se ao conjunto de problemas relacionados com o desenvolvimento da agropecuária e das lutas sociais. Os elementos históricos da questão agrária brasileira são a concentração de terras, ausência de uma reforma agrária efetiva, grilagem de terras, superexploração do trabalho, degradação socioambiental, entre os principais.

REFORMA AGRÁRIA: Constitui-se em um conjunto de ações governamentais visando modificar a estrutura fundiária de uma região ou um país todo. Ela é feita através de mudanças na distribuição da propriedade e/ou posse da terra com vista a assegurar melhoria nos ganhos sociais, políticos, culturais, técnicos, econômicos e de reordenação dos territórios



ReferênCiAS

bibLiOGráfiCAS

MOTTA, Márcia (Org.). Dicionário da terra. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Ligas Camponesas e sindicatos rurais em tempo de revolução. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Civilização Brasileira: RJ, 2003.

MOTTA, Márcia; ESTEVES, Carlos Leandro da Silva. Ligas Camponesas: história de uma luta (des)conhecida. In: MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (orgs.). História social do campesinato brasileiro - Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história, vol. 2: concepções de justiça e resistência nas repúblicas do passado (1930-1960). São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. Uma história das Ligas Camponesas em Pernambuco: passado interditado. In: SAUER, S. (Org.). Lutas, memórias e violações no campo brasileiro: Conflitos, repressão e resistência no passado e presente. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, p. 79-106, 2020.

TELÓ, Fabrício; GASPAROTTO, Alessandra. Histórias de lutas pela terra no Brasil (1960-1980). [2.ed.; Ebook]. São Leopoldo: Oikos, 2021.